



ROTA DA ÁGUA
E DA PEDRA
MONTANHAS MÁGICAS®



Rota de Turismo de Natureza

Serras da Freita, Arada, Montemuro e Arestal - Rios Bestança, Caima, Douro, Paiva e Vouga

FICHA TÉCNICA

EDIÇÃO

ADRIMAG
Praça Brandão de Vasconcelos, 10
4540 - 110 Arouca
+351 256 940 350
adrimag@adrimag.com.pt - www.adrimag.com.pt

PRODUÇÃO

Macromia, Lda

COORDENAÇÃO

Miguel Peixoto
Paulo Pereira

CONSULTORES TÉCNICOS

Filipa Estêvão de Carvalho
Jorge Marques
João Ruano

TRABALHO DE CAMPO

Miguel Peixoto
Paulo Pereira

TEXTOS

Paulo Pereira
Miguel Peixoto

DESIGN GRÁFICO E COMUNICAÇÃO

Pedro Pereira

ILUSTRAÇÃO

Cristina Viana

FOTOGRAFIA

João Cosme

IMPRESSÃO

Gráfica M. Vide

TIRAGEM

2.000 Exemplares

DEPÓSITO LEGAL

403831/16

Foto da capa: Cascata da ribeira de Enxidrô (Cinfães)
Foto da ficha técnica: Mariola da Arada (São Pedro do Sul)

ÍNDICE

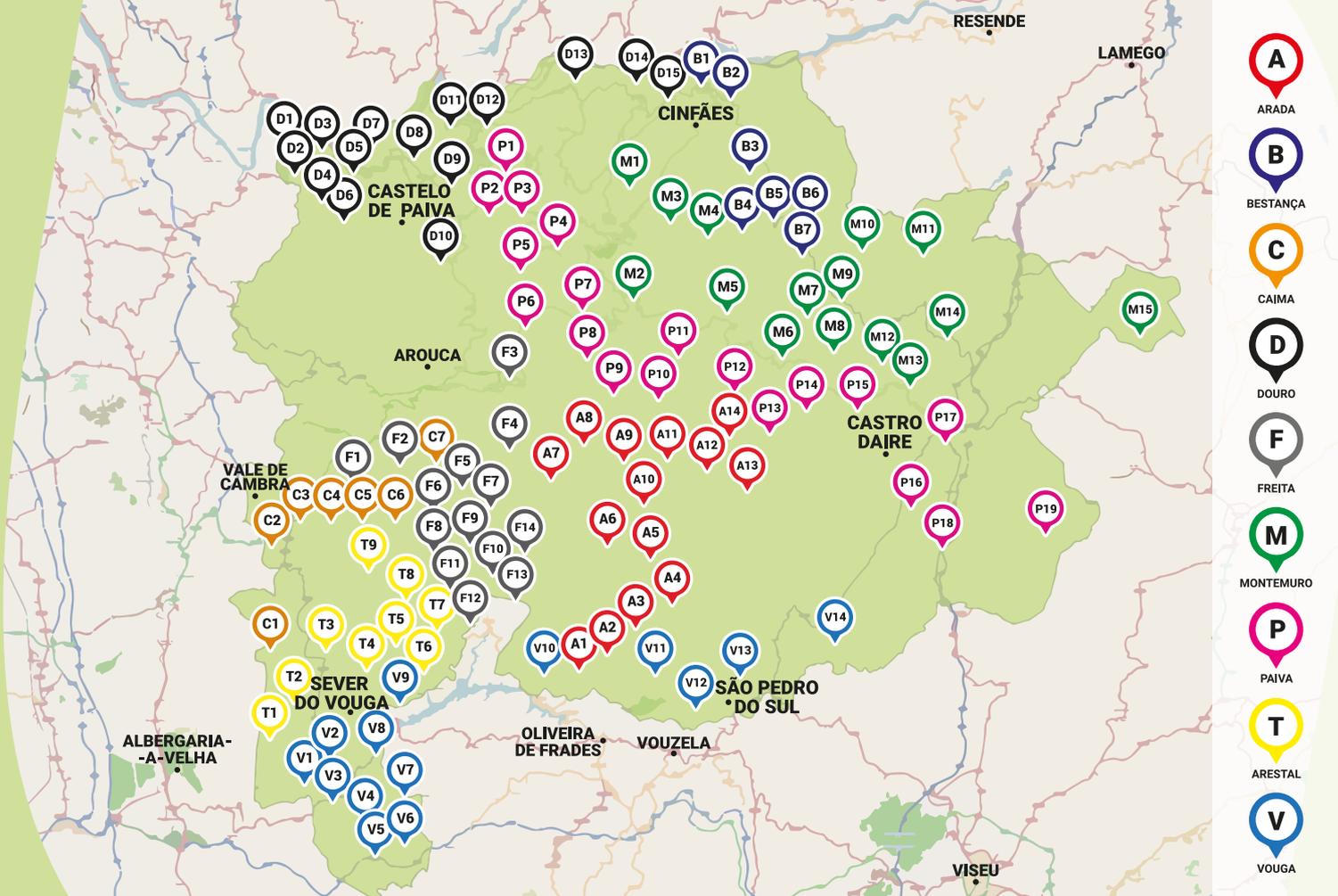
- 4 À Descoberta da Rota da Água e da Pedra®
- 5 Pontos da Rota da Água e da Pedra®
- 6 Linha V - Vouga
- 8 Linha T - Arestal
- 10 Linha A - Arada
- 12 Linha F - Freita
- 14 Linha C - Caima
- 16 Linha P - Paiva
- 18 Linha M - Montemuro
- 20 Linha B - Bestança
- 22 Linha D - Douro
- 24 Biodiversidade
- 25 Património Natural
- 26 Vertebrados
- 27 Invertebrados
- 28 Flora
- 29 Bosques Terciários
- 30 Rios e Cascatas
- 32 Poços e Piscinas Naturais
- 34 Praias e Termas
- 36 Património Geológico
- 38 Fósseis e Icnofósseis
- 40 Património Cultural
- 42 Património Mineiro
- 44 Património Histórico
- 46 Património Megalítico e Gravuras Rupestres

À Descoberta da Rota da Água e da Pedra®

A Rota da Água e da Pedra® (RAP) é uma rota turística que atravessa o território de 7 municípios, e que se estende do Douro até ao Vouga, passando pelas serras da Freita, Arada e Montemuro. A RAP convida a uma descoberta diferente destas serranias, já que se propõe desvendar o rico património natural e cultural da região, centrado nos rios e nas serras que a constituem. O seu valor natural é confirmado pelas áreas da Rede Natura 2000, que aqui alcançam mais de 50% do território das Montanhas Mágicas®. Este selo de qualidade é atribuído às regiões da Europa consideradas chave para a conservação da biodiversidade e, neste caso particular, o lobo-ibérico e os peixes migradores foram a razão que justificou a integração das serras da Freita, Arada e Montemuro e dos rios Paiva e Vouga nesta rede de conservação europeia. A acrescentar a estas espécies emblemáticas, podemos aqui encontrar espécies botânicas e de invertebrados muito raras, que estarão ao alcance de uma visita a esta rota na companhia de guias especializados.

A RAP é uma rota que se diferencia por valorizar elementos do património natural e cultural ligados à água e à pedra. Cascatas, rios, gravuras pré-históricas, turfeiras, antigas minas, dólmens, fragas, fósseis, fenómenos geológicos, vales e livrarias quartzíticas são alguns dos motivos para descobrir num território de paisagens deslumbrantes, com vales e serras talhados por milhões de anos de erosão. Homem e natureza operaram em harmonia por estas paragens, com as aldeias, socacos e levadas a moldarem a paisagem, transformando esta região numa das mais belas de Portugal.





Pontos da Rota da Água e da Pedra®

Arouca, Castelo de Paiva, Castro Daire, Cinfães, São Pedro do Sul, Sever do Vouga e Vale de Cambra são os 7 municípios onde se desenvolve a Rota da Água e da Pedra® mostra das riquezas naturais que abundam nas Montanhas Mágicas®. A RAP constitui-se como uma rede de visitação com mais de 100 painéis de interpretação, onde cada painel destaca um ponto de interesse central, e de um a três pontos de interesse complementares, visitáveis através de um percurso proposto, a fazer a pé, de carro, ou por meios menos convencionais. A visitação dos pontos de interesse da RAP é apoiada por um guia de campo com todas as propostas da rota.

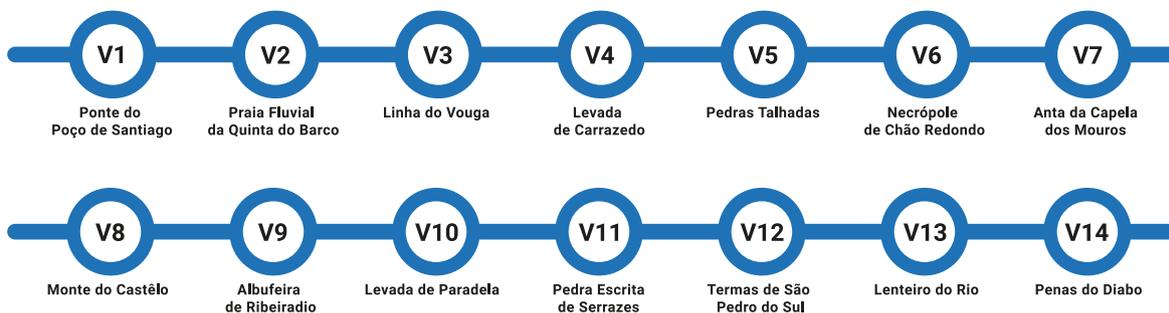
A descoberta das Montanhas Mágicas® é feita através de uma espécie de linha de metro, com paragens constituídas por locais a visitar, na imensidão das serranias compreendidas entre o Douro e o Vouga. As linhas são os elementos naturais que aqui imperam, alternando entre rios e serras. De sul para norte, as linhas do Vouga (V), Arestal (T), Arada (A), Freita (F), Caima (C), Paiva (P), Montemuro (M), Bestança (B) e Douro (D) sucedem-se, constituindo na totalidade 114 pontos de visitação obrigatória, alguns mesmo à beira da estrada, outros de acesso um pouco mais complicado, mas todos a merecerem uma visita aturada.



LINHA V VOUGA

O Vouga é o segundo maior rio inteiramente em território português. É um rio de águas límpidas, com bosques de ribeira e carvalhais a povoar as suas margens (V1 - Ponte do Poço de Santiago, V2 - Praia Fluvial da Quinta do Barco, e V13 - Lenteiro do Rio). Há mais de 150.000 anos que o ser humano por aqui prospera, como o atestam as recentes descobertas feitas na foz do rio Teixeira (V9 - Albufeira de Ribeiradio). O megalitismo tem aqui grande expressão, como se pode constatar pela presença de inúmeros dólmenes na serra das Talhadas, destacando-se a Anta da Capela dos Mouros (V7), com mais de 6000 anos e onde foram encontrados artefactos que nos indicam que estes povos já praticavam agricultura. Na proximidade do Vouga, as levadas de Carrazedo (V4) e Paradela (V10) convidam a um passeio à beira do murmurejar da água nos dias quentes de verão.

// Ponte do Poço de Santiago (Sever do Vouga)





// Levada de Paradela (São Pedro do Sul)



// Guarda-riões



// Bateira do Vouga (Ponte do Poço de Santiago, Sever do Vouga)



LINHA T ARESTAL

A serra do Arestal faz parte do maciço da Gralheira e atinge na cumeada 830 metros. Aqui destacam-se os rios Mau, Gresso e Arões que, para chegar ao Vouga, superam grandes desníveis que estão na origem de inúmeras cascatas. A cascata da Cabreia (T2) é uma das mais belas e conhecidas, mas outras como as cascatas do Gresso (T4), de Aqualva (T6) e do Poço de Grade (T7) estão ao alcance de uma caminhada por estas terras. Nas suas encostas, monumentos megalíticos como a Anta da Cerqueira (T5), e gravuras rupestres no Forno dos Mouros (T3) e no Outeiro dos Riscos (T9) marcam a presença ancestral do Homem por estas paragens, revelando grande engenho e arte.

// Cascata da Cabreia (Sever do Vouga)

T1

Minas do Braçal

T2

Cascata da Cabreia

T3

Forno dos Mouros

T4

Cascata do Gresso

T5

Anta da Cerqueira

T6

Cascata da Aqualva

T7

Cascata do Poço de Grade

T8

Dornas do Arões

T9

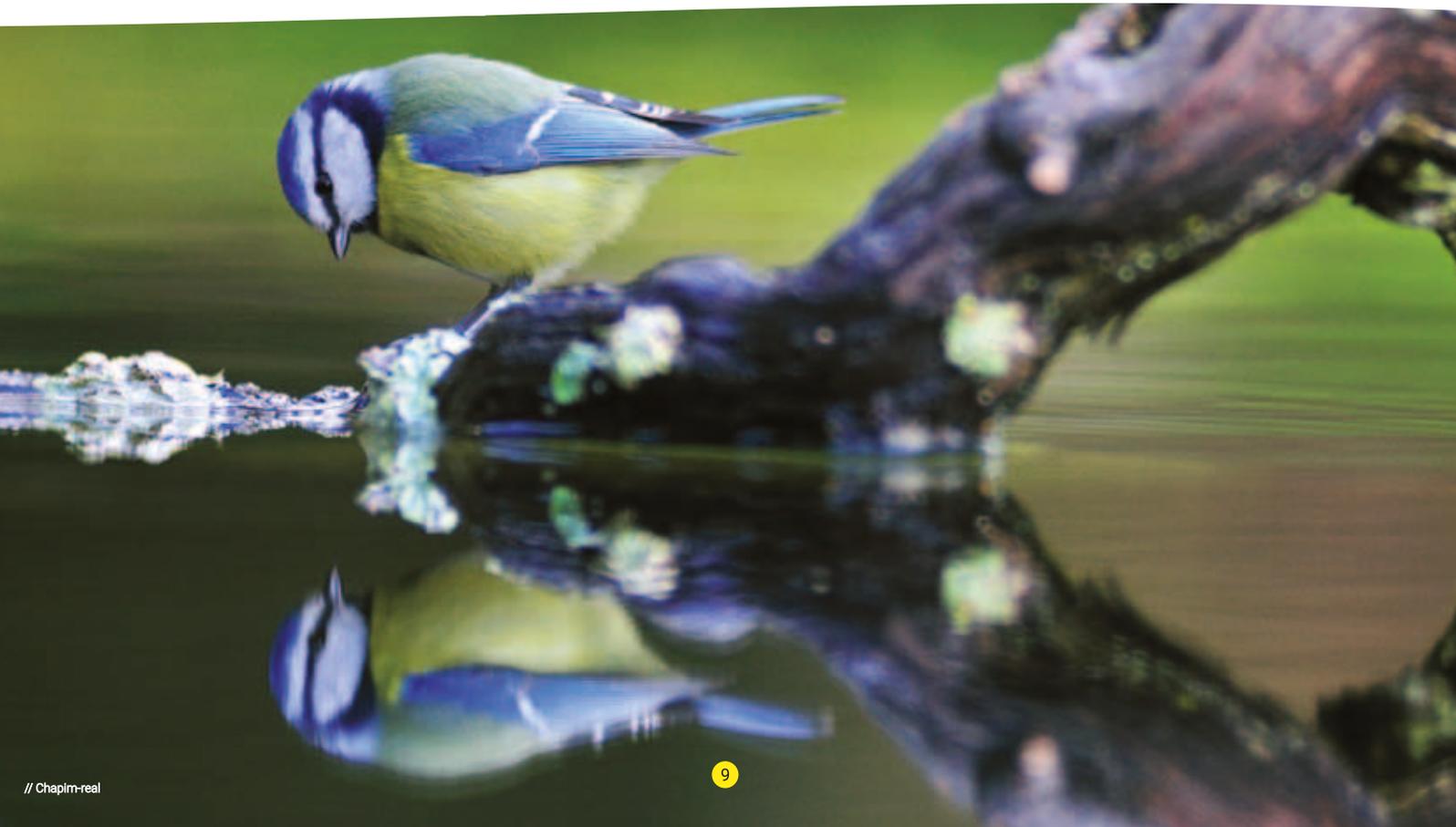
Outeiro dos Riscos



// Levada (Minas do Braçal, Sever do Vouga)



// Círculos concêntricos e covinhas (Forno dos Mouros, Sever do Vouga)



// Chapim-real



LINHA A ARADA

A serra da Arada localiza-se no extremo oriental do maciço da Gralheira, atingindo no seu cume 1071 metros. A Arada tem vales rasgados em xisto e granito que lembram destinos exóticos de continentes perdidos. A sua riqueza em minério foi aproveitada no passado recente, como testemunham as minas de Rio de Frades (A7) e de Regoufe (A9), com galerias que transformaram a pedra dura num autêntico queijo suíço. Os rios e ribeiras de águas límpidas que aqui abundam, com destaque para o Paivô e para a Landeira, originaram uma das mais densas redes de piscinas naturais de Portugal e, por isso, constituem paragem obrigatória da RAP: Poços da Ponte Teixeira (A1), Poço Azul (A2), Poços do Paivô (A8) e Lagoas de Drave (A10). Finalmente, as cristas quartzíticas dispostas como livrarias gigantes e os rastros fósseis de trilobites com 480 milhões de anos são visitáveis na Livraria da Pena (A12), São Macário (A13) e Vale do Deilão (A14).

// Portal do Inferno (Arouca)





// Poços do Paivó (Arouca)



// Pólo-das-rochas



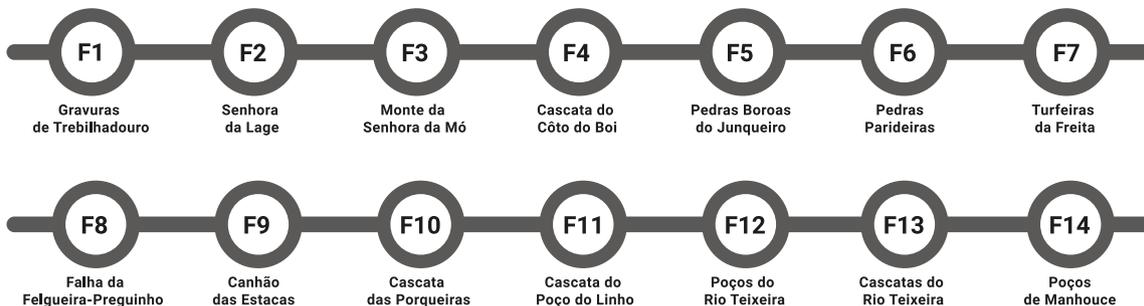
// Aldeia da Pena (Aldeia da Pena)



LINHA F FREITA

A serra da Freita atinge os 1085 metros em São Pedro Velho, e é a serra mais alta do maciço da Gralheira. O planalto da Freita é o coração do Arouca Geopark e as Pedras Parideiras (F6), fenómeno geológico único no mundo, são o seu cartão de visita. Não longe, as pedras Boroas do Junqueiro (F5) fazem as delícias dos visitantes. Destaque também para o rio Teixeira, que escava um vale impressionante com numerosas cascatas e piscinas naturais que podem ser contempladas no Canhão das Estacas (F9), Cascata das Porqueiras (F10), Cascata do Poço do Linho (F11), Poços do Rio Teixeira (F12), Cascatas do Rio Teixeira (F13) e Poços de Manhouce (F14). A Senhora da Lage (F2) e o Monte da Senhora da Mó (F3), onde foram erguidas capelas em honra das respetivas santas, proporcionam miradouros com vista para os vales férteis que rodeiam a serra da Freita.

// Cascata das Porqueiras (Vale de Cambra)





// Pedras parideiras



// Borboleta tigrada-das-florestas



// Poço Negro (Poços de Manhauce, São Pedro do Sul)



LINHA C CAIMA

O rio Caima nasce na serra da Freita, e despenha-se a mais de 70 metros de altura na Frecha da Mizarela (C7), considerada a maior cascata de Portugal continental. É também no Caima que podemos descobrir levadas misteriosas (C3 - Levada de Santa Cruz) e imensos bosques de azevinho (C5 - Moinhos do Rão). Caminhos ancestrais que ligavam as aldeias serranas (C6 - Ponte de Paço de Mato) e praias fluviais (C2 - Praia Fluvial de Burgães) permitem usufruir do rio Caima e das florestas que o abraçam. A cascata da Fílveda (C1), que se despenha do alto dos seus 25 metros, completa na perfeição esta linha, constituindo-se como uma das mais belas cascatas da RAP.

// Cascata da Fílveda (Sever do Vouga)





// Azevinho



// Lontra



// Ponte de Paço de Mato (Vale de Cambra)



LINHA P PAIVA

O rio Paiva é reputado como um dos mais bem conservados da Europa e, nas suas águas, as trutas abundam. A maior linha da RAP reúne um sem fim de atrativos: cascatas vertiginosas nos afluentes do Paiva (P4 - Cascata das Golas e P7 - Cascata das Agueiras), florestas reliquias (P2 - Adernal da Retorta), pequenos paraísos fluviais (P3 - Poço Negro, P11 - Foz Cabril, P12 - Nodar, P14 - Ruínas da Ponte de Cabaços e P17 - Praia Fluvial de Folgosa), e monumentos surpreendentes (P15 - Ermida do Paiva). Mas são os fósseis com 480 milhões de anos que mais surpreendem nesta linha, com os rastros fósseis de trilobites (P8 - Icnofósseis de Cabanas Longas e P10 - Icnofósseis de Pereiró) e as Trilobites Gigantes de Canelas (P6), consideradas as maiores trilobites em todo o mundo.

// Foz Cabril (Castro Daire)

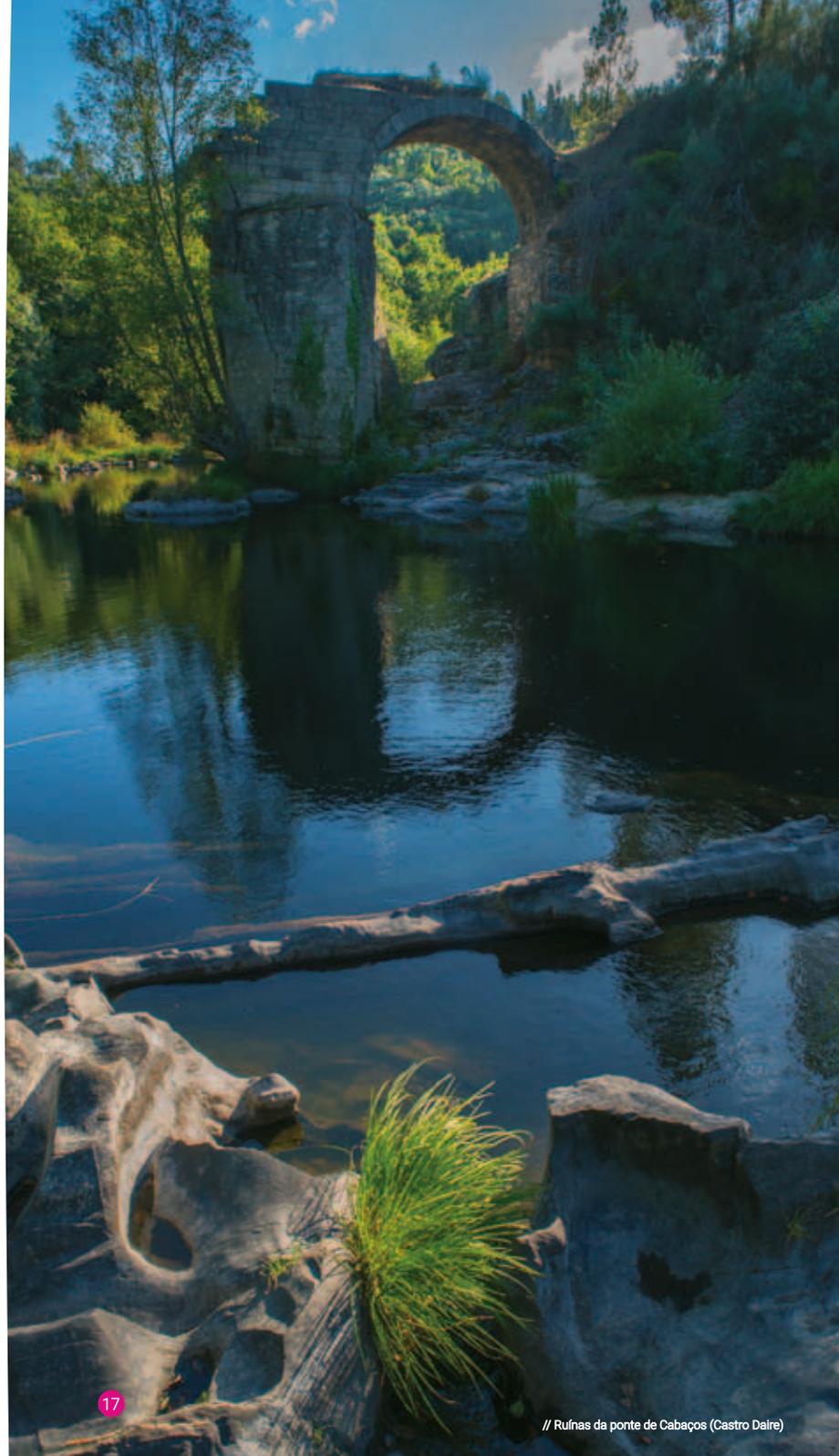




// Maceróvia-pedunculada



// Ionofóssels de Pereiró (Castro Daire)



// Ruínas da ponte de Cabaços (Castro Daire)



LINHA M MONTEMURO

A serra do Montemuro é a oitava maior elevação de Portugal continental com 1382 metros de altitude atingidos no Pico do Talegre (M9). O planalto é muito extenso, e constitui uma das mais belas paisagens humanizadas de Portugal, com lameiros, florestas naturais e pastagens, formando um mosaico intrincado delimitado por muros (M10 - Gralheira, M11 - Planalto do Balsemão e M14 - Moura Morta). As cascatas são belas e numerosas, destacando-se a Cascata da Tojosa (M6) e a Cascata da Pombeira (M13). O granito toma aqui formas caprichosas que rapidamente foram batizadas com nomes populares, como a Pedra Furada de Faifa (M8) ou a Pedra Posta (M4 - São Pedro do Campo).

// Planalto do Balsemão (Castro Daire)





// Satrião-macho



// Poço Negro (Castro Daire)



// Pedras borreas do Montemuro (Cinfães)



LINHA B BESTANÇA

O rio Bestança rasga a serra do Montemuro, na direção sul-norte, aproveitando uma falha para o desenvolvimento de um vale encaixado de grande beleza (B7 - Vale de Fratura do Bestança). Aqui sucedem-se fragas (B5 - Fragas da Penavilheira), cascatas (B4 - Cascata da Ribeira de Tendais) e estruturas construídas pelo homem (B3 - Ponte de Covelas e B6 - Eiras da Lage), numa harmonia sem par, salpicada de frondosos carvalhais, do cimo do Montemuro até ao desaguar no Douro. As levadas, presentes em todo o vale para dar força aos rodízios dos moinhos e para alimentar os regadios e lameiros, são visita obrigatória para quem quer contemplar a natureza ao som do murmurar da água.

// Rio Bestança (Cinfães)





// Língua-cervina



// Ponte de Covelas (Vale do Bestança)



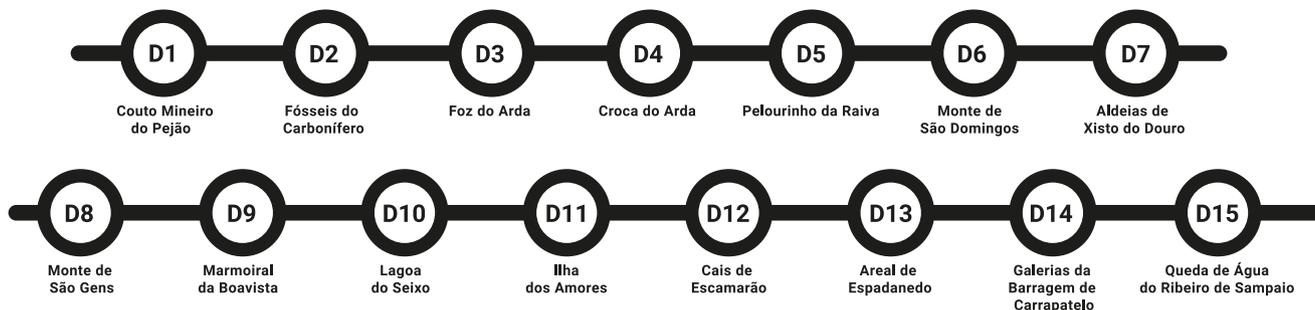
// Eiras da Lage (Bustelo, Cinfães)



LINHA D DOURO

O Douro é o maior rio da Península Ibérica e o vale formado pela sua passagem proporciona paisagens deslumbrantes de visita obrigatória (D6 - Monte de São Domingos e D8 - Monte de São Gens). O Areal de Espadanedo (D13) testemunha o tempo em que este rio corria livremente, já que hoje se encontra engenhosamente represado, formando um espelho de água encaixado no seu vale de inegável beleza (D3 - Foz do Arda, D11 - Ilha dos Amores, D12 - Cais de Escamarão). Não faltam ainda a esta linha curiosos Fósseis do Carbonífero (D2) com fetos gravados na rocha e memórias da história humana insculturada na pedra granítica (D9 - Marmoiral da Boavista).

// Douro (Castelo de Paiva)





// Fóssil do Carbonífero



// Libélula-imperador



// Marmoiral da Boavista (Castelo de Paiva)



// Cascata das Agulheiras (Arouca)



Biodiversidade



PATRIMÓNIO NATURAL

A biodiversidade na Rota da Água e da Pedra® está intimamente relacionada com os rios que atravessam o território e com as montanhas que se destacam na paisagem. Muitas destas espécies podem ser vistas, contempladas ou ouvidas nos trilhos que a RAP propõe, para assim se dar o devido valor a esta riqueza natural que não tem paralelo em nenhum outro local.

A young Iberian wolf pup stands on a rocky outcrop in a natural, mountainous setting. The pup has a mottled brown and grey coat and large, upright ears. The background is a blurred landscape of rocks and vegetation.

Vertebrados

O lobo-ibérico tem aqui o seu limite sul de distribuição e, por isso, o maciço da Gralheira e a serra do Montemuro são alguns dos últimos redutos selvagens desta magnífica espécie a sul do Douro.

As rapinas encontram nas escarpas lugares perfeitos para procriar, como é o caso do falcão-peregrino e do bufo-real. A lontra está presente em todos os rios, e a rara toupeira-de-água descobre nos rios de montanha da Rota da Água e da Pedra® um dos habitats mais favoráveis do mundo para a sua sobrevivência. O melro-de-água, que aprende a nadar antes de começar a voar, está presente em cada curva de rio, e aproveita muitas vezes as quedas de água para criar a sua prole. O rio Paiva é conhecido pelas suas trutas, e as enguias e lampreias que ainda sobem o Vouga testemunham a sobrevivência à migração através de milhares de quilómetros de oceano. Os morcegos ocuparam as antigas galerias mineiras e as florestas de folhosas, pelo que aqui se encontram algumas das mais importantes populações destes curiosos mamíferos alados. A escassa salamandra-lusitânica é frequente nos rios de montanha e nos prados húmidos dos vales, e o lagarto-de-água é aqui quase uma praga. A cobra-de-pernas-pentadáctila marca presença nos vales mais termófilos e o seu primo fura-pastos é facilmente avistado nos lameiros e turfeiras de montanha.



// Macrómia



// Borboleta-azul-das-turfeiras

Invertebrados

Os invertebrados descobrem nos rios Paiva, Vouga e Teixeira um santuário para a sua existência: o mexilhão-de-rio do norte, a libélula macrómia ou a lesma-sarapintada não só estão presentes como chegam a ser abundantes nestes habitats. A delicada borboleta apatura-pequena é também presença obrigatória na margem dos rios com galeria ripícola bem constituída, e a rara borboleta-azul-das-turfeiras encontra nas margens do rio Balsemão o seu melhor habitat em Portugal. O bizarro coleóptero vaca-loura está presente nos carvalhais, constituindo um excelente indicador de bosques maduros. A escassa libélula-esmeralda pode ser encontrada nas praias fluviais sulcadas de amieiros, e as borboletas almirante-branco, antiopa e tartaruga-grande espreitam amiúde por entre a folhagem do bosque de ribeira.





// Narciso-das-turfeiras



// Margaritça

Flora

A flora tem na Rota da Água e da Pedra® grande importância, e espécies como o feto-vaqueiro, o narciso-das-turfeiras, o mirtilo, o lódão-bastardo, o azevinho ou a fritilária estão presentes em alguns rios como o Paiva, Douro, Vouga, Teixeira ou Caima. Alguns dos ecossistemas mais interessantes presentes na RAP são as turfeiras no alto das serras, o adernal dos vales do Teixeira e do Paiva, os carvalhais verdejantes e os bosques ribeirinhos muito abundantes, as fragas e afloramentos rochosos serranos e as formações de bosques subtropicais que se refugiam nos vales mais termófilos. No Caima desenvolve-se uma das melhores populações de azevinho de Portugal, contando-se alguns milhares de indivíduos. Algumas endémicas (espécies restritas a Portugal ou à Península Ibérica) das rochas estão também presentes nas fragas e escarpas que marcam todo o território, como é o caso do saramago-das-rochas, pólio-das-rochas, margarida-das-rochas, cravina-de-plumas, narciso-das-asturias, maceróvia-pedunculada, alho-amarelo ou caldoneira. As turfeiras da Freita e do Montemuro têm um cortejo florístico de grande valor, no qual se destacam o esfagno, o cervum, a margaritça, o narciso-das-turfeiras e a lameirinha. Os bosques ribeirinhos são uma das formações florestais mais diversas de Portugal, com amieiros, salgueiros, freixos, sanguinhos, pilriteiros, aveleiras, ulmeiros, choupos, cerejeiras, pereiras, castanheiros, azereiros e loureiros a constituírem galerias ripícolas de grande beleza.



// Feto-vaqueiro

Bosques Terciários

Nos vales encaixados das serras viradas ao Atlântico encontramos bosques relíquia das florestas subtropicais do Terciário que sobreviveram nestas paragens às últimas glaciações. O feto-vaqueiro, o loendro, o aderno, o medronheiro, o loureiro, o azevinho, o folhado, as cabrinhas (feto epífita), o hipericão-do-gerês, a língua-cervina, são algumas espécies típicas destas formações que aqui podemos encontrar. O feto-vaqueiro e o loendro, por serem espécies muito raras, só pontualmente aparecem nos vales mais profundos dos rios Caima, Teixeira e Alfusqueiro. Nos rios Paiva e Teixeira o habitat do adernal abunda, formação dominada pelo aderno acompanhado por outras espécies de folha persistente e que em tudo se assemelha à laurissilva da Madeira. No Caima e em alguns afluentes do Vouga, podemos encontrar extensos bosques de azevinho, acompanhados permanentemente por matas de loureiros. Em alguns afluentes do Vouga, um bosque perenifólio com azevinho, folhado, medronheiro e herbáceas como o hipericão-do-gerês e as esporas-bravas pode ser contemplado por entre as paredes vertiginosas que ladeiam as ribeiras.



// Adernal

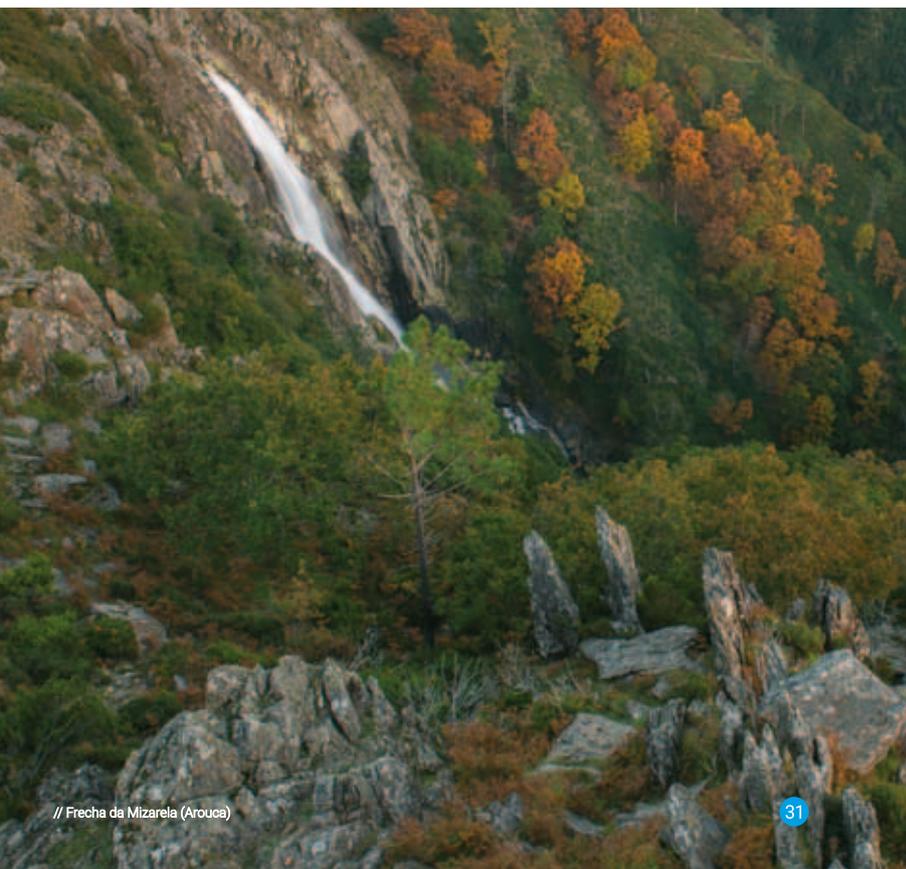
A riqueza em água e a complexidade geomorfológica das serras que constituem o território das Montanhas Mágicas® resultam numa profusão de rios e cascatas em todos os pontos da rota. As cascatas são, por excelência, a combinação perfeita entre pedra e água, onde a água teima em galgar distâncias e a pedra insiste em criar dificuldades. As cascatas são, por isso, o resultado de uma descontinuidade geológica, com a pedra mais dura a olhar lá do alto, e a pedra mais mole a ser sistematicamente erodida pela força das águas ao longo de muitos milénios. Contam-se mais de 24 cascatas, entre as quais as mais belas e maiores cascatas de Portugal, despenhando-se de alturas superiores a 60 metros e, por vezes, ultrapassando desníveis superiores a 150 metros, em sucessivas quedas de água. Mas mais importante que estes números é a beleza destes locais, que oferecem pequenos pedaços de paraíso aos viajantes que se atrevem a alcançá-los.



Rios e Cascatas



// Cascata no rio Teixeira (Cascatas do Rio Teixeira, São Pedro do Sul)



// Frecha da Mizarela (Arouca)

Da RAP fazem parte alguns dos rios reputados como os menos poluídos da Europa, como é o caso do rio Paiva e do rio Teixeira. As piscinas naturais e praias fluviais contam-se às dezenas, e permitem usufruir destas paisagens líquidas no pico do verão. A cascata da Cabreira e da Fíveda (em Sever do Vouga), a Frecha da Mizarela e a cascata das Agueiras (em Arouca), as cascatas do Teixeira e os poços da Landeira (em São Pedro do Sul), a praia fluvial da Várzea (em Castelo de Paiva), a cascata das Porqueiras e do Poço do Linho (em Vale de Cambra), a cascata da Tojosa e a cascata da Pombeira (em Castro Daire), e as fragas da Penavilheira e a cascata do ribeiro de Sampaio (em Cinfães) são alguns dos locais incontornáveis, propostos pela Rota da Água e da Pedra®, para descobrir este território surpreendente.

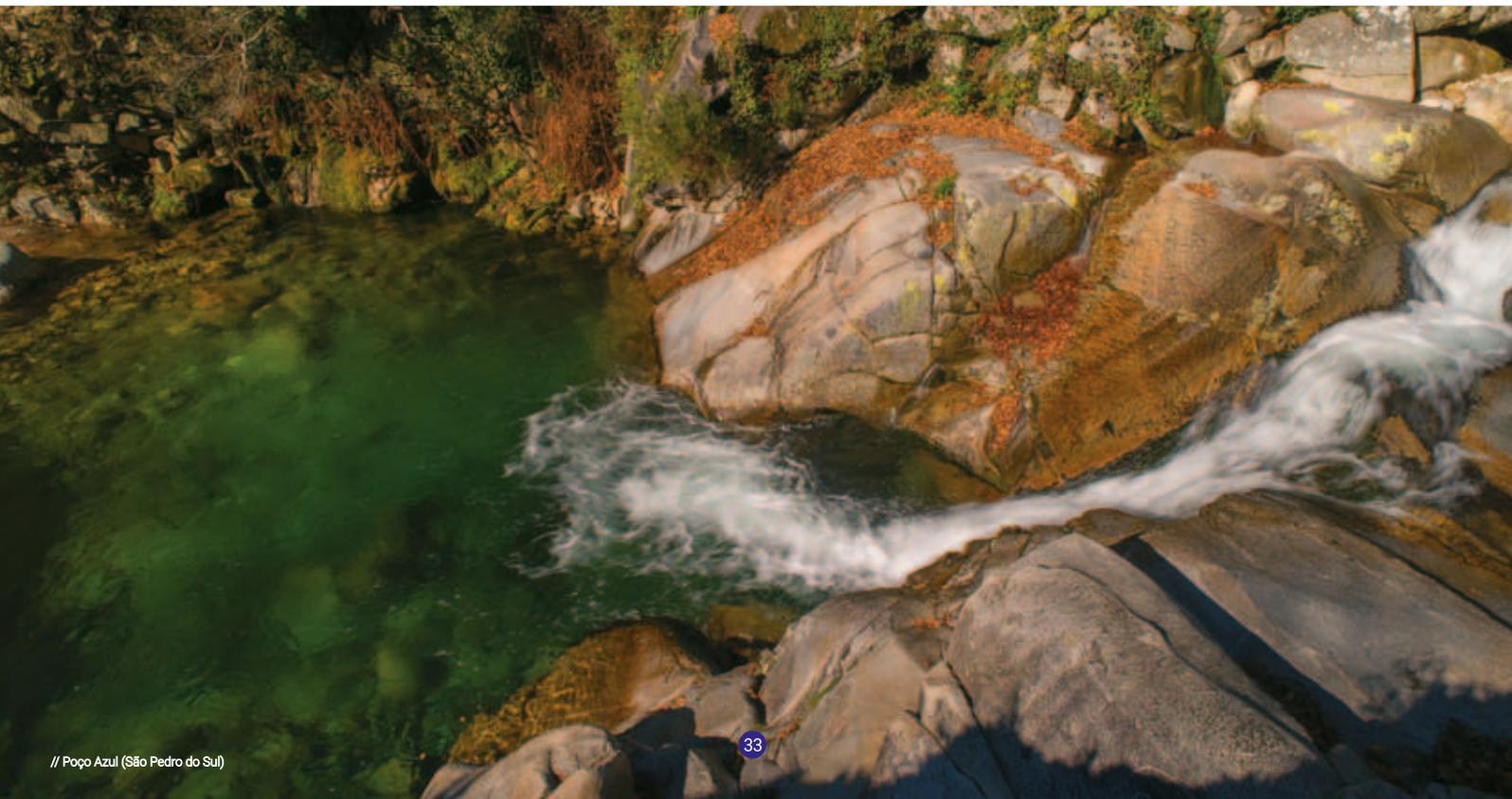
As piscinas naturais, ou “poços”, como lhes chama o povo, são locais que apenas se encontram nos rios de montanha com grande dinâmica fluvial. É a força motriz originada pelos grandes desníveis entre o alto da serra do Montemuro e do maciço da Gralheira que erodiram, escavaram e poliram a rocha esculpindo autênticas piscinas com todas as formas possíveis e imaginárias. A banheira do Teixeira, os poços do Paivô, as lagoas de Drave, os poços da Ponte Teixeira, o poço Negro, o poço da Barreira, o poço do Pisão, o poço Azul, o poço Quadrado, e muitas outras piscinas naturais multiplicam-se por todo o território e proporcionam aos visitantes águas límpidas e cristalinas, enquadradas pelo verde luxuriante dos bosques ribeirinhos.



Poços e piscinas naturais



// Poço Negro (Poços de Manhouce, São Pedro do Sul)



// Poço Azul (São Pedro do Sul)

Os grandes rios são marcados por algumas das mais belas praias fluviais do norte de Portugal: a praia fluvial da Quinta do Barco, no Vouga, e as praias fluviais do Areinho e da Folgosa, no Paiva, são exemplo destes locais de visita obrigatória. Junto ao Vouga, a Ponte do Poço de Santiago e o Lenteiro do Rio permitem ainda descobrir o rio em estado natural, com rápidos e ilhas temporárias, enquanto em Nodar e na Foz Cabril é o Paiva o protagonista, com as suas águas transparentes e convidativas. As águas termais resultantes de falhas tectónicas que atravessam o território afloram à superfície a elevadas temperaturas, e são aproveitadas nas Termas de São Pedro do Sul e nas Termas do Carvalhal.



Praias e termas



Termas Romanas de São Pedro do Sul

As Termas Romanas de São Pedro do Sul têm origem no século I d. C., e foram classificadas como Monumento Nacional, em 2008. Mais conhecidas como “Banho” ou “Caldas de Lafões”, estas constituem um dos complexos termais de origem romana mais bem conservados em Portugal. Estas têm um resto do antigo “Balneum”, com parte da piscina romana e grandes colunas em granito. Pensa-se que teria uma zona de banhos frios – “frigidarium” – e a piscina, que se denomina hoje como Piscina de D. Afonso Henriques, e que se encontra em perfeito estado de conservação. No século XII eram usadas pelas classes mais favorecidas, destacando-se a presumível presença do 1º rei de Portugal para tratar uma fratura sofrida na malograda Batalha de Badajoz. No reinado de D. Manuel I edificou-se o Hospital Real das Caldas de Lafões e, em 1884, foi construído o Balneário da Rainha Dona Amélia. Já em 1987 foi edificado o Balneário de D. Afonso Henriques, em homenagem à passagem do 1º rei de Portugal por estas paragens.

O património geológico das Montanhas Mágicas® é impar, e justificou a classificação e integração do território correspondente à área administrativa do município de Arouca nas redes europeia e global de geoparques da UNESCO.

As livrarias quartzíticas que acompanham as duas margens da ribeira do Deilão (nas aldeias da Pena, Covas do Monte, Fragoselas, Pereiró e Janarde) impressionam pelas suas dimensões e pela perfeição geométrica das suas lajes. As gargantas e canhões marcam o vale do Paiva e o vale de alguns rios de montanha como o Teixeira, o Caima e o Bestança; a erosão caprichosa da serra produziu pedras boroas e *taffoni*, escavando sulcos e cavidades na rocha dura. As pedras cebola e os monólitos constituem ainda elementos marcantes da paisagem, que chegam mesmo a dar nome às povoações como é o caso das Talhadas, em Sever do Vouga.



Património Geológico



// Afloramento de granito nodular da Castanheira (Arouca)

No planalto da serra da Freita, junto à aldeia da Castanheira, ocorre o fenómeno geológico mais surpreendente de todo o território das Montanhas Mágicas®: as pedras parideiras. Estas pedras são uma manifestação geológica muito rara, ocorrendo apenas em Portugal, e nelas a pedra mãe, em granito, alberga um enorme nódulo de biotite (pedra filha) que, por ação da temperatura, acaba por se desprender da mãe, o que origina o nome pelo qual são conhecidas. Este fenómeno geológico pode, hoje, ser melhor compreendido, no centro de interpretação Casa das Pedras Parideiras, junto ao respetivo geossítio.



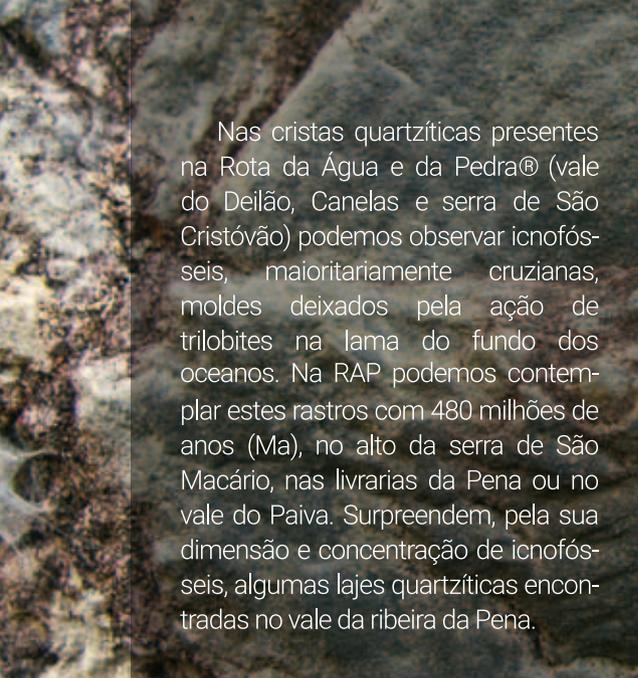
// Pedras Parideiras (Arouca)

Os fósseis nesta região são também excecionais. Do carbonífero, em Castelo de Paiva, encontram-se cerca de 100 espécies de fetos fossilizados em excelente estado de conservação. Surpreende o detalhe que ficou gravado de cada um destes espécimes, com mais de 300 milhões de anos.

Mas os fósseis mais importantes aqui encontrados são as trilobites gigantes de Canelas. As trilobites são artrópodes que viveram há cerca de 480 milhões de anos em águas pouco profundas dos oceanos. O que surpreende nas trilobites achadas numa pedreira em Canelas é o seu estado de conservação e a sua dimensão, já que são as maiores trilobites fósseis encontradas em todo o mundo. É possível conhecer de perto estes seres excecionais no Centro de Interpretação Geológica de Canelas e no seu Museu de Trilobites.



Fósseis e icnofósseis



Nas cristas quartzíticas presentes na Rota da Água e da Pedra® (vale do Deilão, Canelas e serra de São Cristóvão) podemos observar icnofósseis, maioritariamente cruzianas, moldes deixados pela ação de trilobites na lama do fundo dos oceanos. Na RAP podemos contemplar estes rastros com 480 milhões de anos (Ma), no alto da serra de São Macário, nas livrarias da Pena ou no vale do Paiva. Surpreendem, pela sua dimensão e concentração de icnofósseis, algumas lajes quartzíticas encontradas no vale da ribeira da Pena.

// Icnofósseis



As trilobites, parentes afastadas dos crustáceos atuais, foram os principais representantes dos artrópodes (grupo a que também pertencem, por exemplo, os caranguejos e os insetos) nos mares do Paleozóico (entre 540 e 250 milhões de anos atrás). Dominaram todos os ambientes marinhos de uma forma similar ao domínio exercido pelos dinossauros, durante o Jurássico e o Cretácico, e eram de tal modo abundantes (estima-se que tenha havido 15.000 espécies de trilobites) que esse período de tempo geológico também é denominado como “Era das Trilobites”. Com origem há 542 Ma, nos primórdios da vida multicelular, e extinguindo-se há 252 Ma com a maior extinção em massa de que há memória na vida da Terra, as trilobites atestam a passagem de cinco eras geológicas. No fim do Pérmico, 95% das espécies marinhas desapareceram, entre as quais as últimas trilobites. O auge deste grupo foi no fim do Cámbrico e início do Ordovícico, contando-se mais de 60 famílias de trilobites neste período.



// Fóssil de uma trilobite gigante

Como por toda a velha Europa, a obra humana está presente nas Montanhas Mágicas®. Mas, na Rota da Água e da Pedra®, destacamos o património intimamente ligado à água e à pedra, como é o caso dos moinhos e das poldras, dos aquedutos e das levadas. A pedra reflete-se ainda na harmoniosa beleza das aldeias serranas em granito (na região do granito), ou em xisto escuro, nas aldeias em que este aflora à superfície. Estas aldeias testemunham ainda uma economia comunitária, onde a autossuficiência necessária à sobrevivência nestes ermos justificava a colaboração de todos os elementos de cada povoação, tanto nos trabalhos de construção, como na agricultura.



Património Cultural

Olhando para o património edificado da RAP, as levadas têm um valor especial já que sintetizam, de forma sublime, a harmonia entre pedra e água. Podem servir como força motriz para engenhos, mas também como alimentação do regadio que aqui se concentra em socalcos que rasgam a paisagem em tons de verde. As levadas hoje continuam a ser usadas, e os caminhos que as acompanham transmitem uma paz que só o correr suave da água pode proporcionar. Estas levadas atravessam florestas de carvalhos antes de chegar aos terrenos de regadio, o que permite ao viajante usufruir de caminhos sombreados, surpreendentemente frescos, mesmo nos dias de mais calor. As levadas de Paradela, de Lourizela, de Santa Cruz, de Carrazedo, do Bestança, o Rego do Boi e a aldeia das Levadas, são apenas alguns dos locais da RAP que se podem visitar, sempre acompanhados pelo murmurejar das águas que ainda hoje fazem da terra seca campos férteis em alimento.

Os moinhos, base da economia rural dos séculos XVIII e XIX, contam-se aos milhares nestas montanhas. Estão presentes em todos os rios, pequenos ou grandes, e alguns deles são obras-primas da arquitetura popular. Destacam-se os mais de 8 moinhos do canhão das Estacas, completamente em harmonia com o xisto que os rodeia, os 13 moinhos do Pisão, que são ligados por uma rede de aquedutos impressionante, e os 23 moinhos da Carreira de Moinhos de Alvarenga, equidistantes, alinhados na perfeição, e alimentados pelo fabuloso Rego do Boi, um dos primeiros transvases feitos entre duas bacias hidrográficas.



A lenda do Rego do Boi

“No meio da serra da Franqueira nasce hum rio de pouca memoria passa pello fundo do lugar de Noninha e continua o seu curso junto do lugar de Bustello, e no fundo das terras do dito lugar há tradição nesta terra de Alvarenga que os seus habitantes tiraram a agoa do tal rio em huma noute, por recearem que os habitadores do valle de Nespereira lho impedissem, e chama-se a tal rego o rego do Boi, por se dizer que comeram hum boi na noute que a tiraram, dista desta terra de Alvarenga hum quarto de legoa, isto hé o aqueducto e o seu nascimento hé quasi huma legoa, fertiliza este valle com agoa, que hé o que a faz fértil de pam e vinho, e com a mesma agoa ao mesmo tempo faz moer vinte e três moinhos, tanto de Veram como no Inverno.”

Transcrição da referência histórico-lendária do Rego do Boi, manuscrita em 1758, no livro “Memórias Paroquiais” do Padre Luís Vieira Tristão.

O Volfrâmio na II Guerra Mundial

O volfrâmio ou "ouro negro" era o minério aqui explorado, usado para a manufatura de armas durante as duas primeiras guerras mundiais. Valia 150 escudos por quilo no mercado, mas chegou a ser transacionado a 1000 escudos o quilo no contrabando (uma pequena fortuna, no auge da guerra). Em grande número foram aqueles que, por conta própria, exploraram o valioso minério – os "pilhas" – e que, com isso, ganharam bom dinheiro de um dia para o outro arriscando, no entanto, a vida. Em cada mina chegaram a trabalhar milhares de mineiros, abastecendo de volfrâmio tanto os aliados como os nazis.



Património Mineiro



// Minas do Braçal (Sever do Vouga)



// Homenagem ao Mineiro (Couto Mineiro do Pejão, Castelo de Paiva)

Uma das atividades que mais marcou a história destas serras foi a exploração mineira de volfrâmio, em Rio de Frades, Regoufe, ou Moimenta. Estas minas tiveram o seu auge durante a Segunda Guerra Mundial e, por vezes, minas vizinhas vendiam volfrâmio às duas partes oponentes deste conflito. A atividade mineira há muito que cessou, mas as cicatrizes estão ainda bem patentes nas encostas e escarpas dos vales da Freita e do Montemuro. As galerias e as serventias mineiras testemunham um engenho e força de vontade que devem ser perpetuadas e, por isso, visitadas. No rio Mau, as minas do Braçal eram exploradas desde a antiguidade pela sua riqueza em chumbo, enquanto junto ao Douro, em Pedorido, nas minas do Pejão explorava-se o carvão. Nas primeiras foi encontrada uma pequena luzerna com um gladiador desenhado, prova da ocupação romana destas paragens. No Pejão, um singular santuário em antracite devotado a Santa Bárbara perdura até aos dias de hoje. Santa Bárbara, padroeira dos mineiros, era rezada todos os dias por cada mineiro que entrava nas galerias, para dar coragem e proteção naquela arriscada descida às entranhas da terra.

Para além das ermidas e capelas de montanha que fazem parte da RAP por constituírem excelentes pontos de observação da paisagem, mereceram integrar a rota 3 marcantes construções: o convento de Arouca (Monumento Nacional), o mosteiro de São Cristóvão de Lafões (Monumento de Interesse Público) e a Ermida do Paiva (Monumento Nacional). O primeiro foi erguido no século X, o segundo e o terceiro no século XII. No seu auge, o poderio que detinham espalhou-se por todo o território, e todos têm histórias para contar. O Aqueduto das Águas Reais, que fornecia a água para o Mosteiro de São Cristóvão de Lafões, ainda mantém intacta uma boa parte da sua estrutura, constituindo um excelente exemplo do engenho dos monges da ordem de Cister; o convento de Arouca passou, a partir de 1154, a ser habitado só por freiras, e recebeu carta de Couto por essa altura, que lhe conferiu grande poder administrativo e político na região. A sua importância revigorou-se com o padroado da Beata Mafalda de Portugal, efémera rainha de Castela, que aqui viveu entre 1220 e 1256. A igreja da Ermida, também chamada de Templo das Siglas tem, nas suas paredes, gravadas as assinaturas dos canteiros que a edificaram, com um significado por vezes envolto em mistério.



Património Histórico

Ocupação Romana

A ocupação romana ocorreu um pouco por todo o território, sendo de destacar a rede viária que, em muitos locais, se mantém, como na ponte romano-medieval sobre a ribeira da Landeira, na estrada romana da Ereira, ou na ponte romana de Manhouce. As termas romanas de São Pedro do Sul são, provavelmente, as mais bem conservadas de Portugal e a inscrição do Penedo de Lamas é um dos mais curiosos documentos deste género encontrados em Portugal. A transcrição da inscrição diz o seguinte:

“Rufino e Tiro determinaram: o clã dos Veaminis (Veamini) oferecem um vale defensivo de colinas à rainha-mãe dos prestigiados Petranios, garantindo (oferecer) um próspero porco aos jovens (cidadãos) Caelobrigenses.”

Esta inscrição, parcialmente escrita na língua dos nativos lusitanos reflete, na forma e conteúdo, uma certa resistência linguística e religiosa ao ocupante romano.

O megalitismo está presente na Rota da Água e da Pedra® com alguns exemplares de grande interesse, como é o caso do dólmen de Chão Redondo, em Sever do Vouga. Efetivamente, uma das particularidades do megalitismo no centro de Portugal é a existência de representações artísticas nestes monumentos. Outras antas, com cerca de 5.000 anos, como a da Capela dos Mouros e da Cerqueira, em Sever do Vouga, ou a Portela da Anta, em Arouca, espelham a importância dos povoamentos ancestrais na região.

Existe também um conjunto impressionante de gravuras rupestres em monólitos, como é o caso do Outeiro dos Riscos e das gravuras do Trebilhadouro (Vale de Cambra), Forno dos Mouros (Sever do Vouga), Pedra dos Pratos (Castro Daire) ou Pedra Escrita de Serrazes (São Pedro do Sul). Nestas gravuras, datadas de alguns séculos ou milénios antes de Cristo, é marcante a existência de círculos concêntricos, espirais e covinhas – motivos comuns a muitas comunidades humanas dessa época – em diferentes pontos do planeta, o que indica uma surpreendente mobilidade das populações humanas e da permeabilidade cultural das mesmas.



Património Megalítico e Gravuras Rupestres



Origem e significado da arte rupestre atlântica

A arte Atlântica é uma manifestação artística característica da fachada atlântica do noroeste peninsular entre a Galiza e a bacia do Vouga, e tem afinidades com outras regiões da Europa, como a Irlanda, norte de Inglaterra e Escócia. No nosso território são conhecidos vários exemplos, destacando-se o Outeiro dos Riscos e as gravuras de Trebilhadouro (Vale de Cambra), o Forno dos Mouros (Sever do Vouga), as Eirinhas e a Cárcoda (São Pedro do Sul) e a Pedra dos Pratos (Castro Daire). A imagem do círculo parece ter-se tornado a representação ideal do espaço na Europa Atlântica a partir do Neolítico. São várias as teorias que tentam explicar o seu significado: os afloramentos onde encontramos esta arte rupestre seriam lugares sagrados integrados na paisagem envolvente; as inscrições geométricas poderiam ser representações da geografia local ou mesmo marcos de delimitação do território; poderia ser alguma espécie de calendário, estando relacionadas as formas geométricas com os corpos celestes. Qualquer que fosse o significado, estas são obras de arte de grande beleza que nos chegam aos dias de hoje, ficando as memórias e mistérios do povo ancestral que viveu por estas paragens gravado para sempre na pedra.

Epílogo

Esta é uma região fértil, onde a pedra e a água marcam a paisagem; é uma terra de rios e cascatas, de raridades botânicas e lobos selvagens, de gravuras milenares e fósseis primordiais, de geossítios extraordinários e geologias únicas, numa paisagem onde o engenho humano se conjuga de forma harmoniosa com os desenhos caprichosos da natureza.

Foto: Vista da Mizarela (Arouca)



www.rota-ap.pt

facebook.com/Rota-ap

rota_ap@montanhasmagicas.pt

info@montanhasmagicas.pt

www.montanhasmagicas.pt



ADRIMAG

ASSOCIAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO
RURAL INTEGRADO DAS SERRAS DO
MONTEMURO, ARADA E GRALHEIRA



COMPETE
2020

PORTUGAL
2020



UNIÃO EUROPEIA

Fundo Europeu de
Desenvolvimento Regional